

“THE VOICE OF THE DEVIL”: A RECONSTRUÇÃO DO MITO CRISTÃO POR JOSÉ SARAMAGO E WILLIAM BLAKE

Davi Silva GONÇALVES

Ricardo Heffel Farias¹

RESUMO: A literatura tem sido atacada pela religião durante muitos séculos sendo considerada blasfema por ir de encontro a dogmas fundamentais dos preceitos cristãos; isso porque o artista expressa sua visão do mundo através de sua arte, sendo que esta pode muito bem fugir à cronologia bíblica, a linearidade religiosa, e às divisões categóricas da igreja entre o que é material e pertence ao homem e o que é transcendental e pertence a Deus. Tendo isso em vista, a hipótese central deste artigo é referente à crítica que a literatura é capaz de fazer, através da recharacterização de mitos bíblicos, contra os preceitos principais da tradição cristã com relação às dicotomias céu/inferno e, conseqüentemente, deus/diabo. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (2008), do português José Saramago, e *The Marriage of Heaven and Hell* (s.d.), do inglês William Blake, são aqui analisados como responsáveis por colocar em xeque tais dualismos unilaterais. Neste sentido, essas obras revertem o ideal benéfico que acompanha, somente em tese, toda a constituição do que hoje compõe boa parte da espiritualidade no mundo ocidental, desmistificando, assim, os axiomas controversos que fundamentam a crença cristã. Tais obras se provaram fundamentais tendo em vista que questionam pensamentos tradicionais que até hoje são capazes de pulsar, e oferecem visões alternativas de mitos cultivados por grupos que, por uso de artifícios pouco altruístas, os impuseram sobre uma sociedade que não possuía as ferramentas para contesta-las. Hoje nos sobram ferramentas, entretanto nos falta contestação.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Religião. José Saramago. William Blake.

ABSTRACT: Literature has been attacked by religion for many centuries for being considered a blasphemy since it impinges upon fundamental dogmas of Christian axioms; this is because the artist expresses his/her view on the world through his/her art, and such art can easily evade biblical chronologies, linearity, and religious categorical divisions between what is material, thus belonging to the humans, and what is transcendental, thus belonging to God. Bearing this in mind, the central hypothesis of this article concerns the critique that literature is capable of doing, through the recharacterisation of biblical myths, against the main precepts of Christian tradition regarding the dichotomies heaven/hell and, consequently, God/Devil. José Saramago's *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (2008), and William Blake's *The Marriage of Heaven and Hell* (s.d.), are here analysed as responsible for putting into question such unilateral dualisms. In this sense, such pieces revert the beneficial ideal that supposedly accompanies the whole constitution of what today composes most of Western spirituality, demystifying, as a result, the controversial premises that scaffold the Christian beliefs. These literary pieces have proved to be pivotal since they question traditional notions which are still thriving, and proved to offer alternative views on myths nourished by egotistical groups which have imposed them on a society that had not had the necessary tools to contest them. Today we have lots of tools, but little contest.

Keywords: Literature. Religion. José Saramago. William Blake.

Introdução

A relação entre literatura e religião tem sido muitas coisas, menos harmoniosa, ou ainda “de tensão constante e até mesmo hostil” (KUSCHEL, 1999, p13). A fissura entre a cultura burguesa e a cristandade permitiu que as artes, e portanto a literatura, pudessem tomar forma de forma independente da religião. A literatura ocidental, até meados do século XVII, permanecia,

¹ Programa de Pós-graduação em Língua Inglesa, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, 88040-970, Florianópolis, Santa Catarina, Brazil. E-mail: goncalves.davi@hotmail.com; heffel13@gmail.com

assim como outras forma de arte, ligada predominantemente a fé cristã, onde essa tinha por função engrandecer a fé e exaltar os dogmas e crenças cristãs. Esta fissão forneceu então solo fértil para críticas religiosas a literatura e literárias a religião.

O pilar central da crítica religiosa à literatura baseia-se no fato de que a literatura sem teor cristão seria apenas uma invenção humana. Esta nova forma da literatura, tão distante da literatura cristã, não era inspirada por sopro divino, e portanto de pouco ou nenhum valor instrumental para a religião cristã. Que tem por função de fazer a humanidade transcender desta existência, para uma melhor, no pós vida. A literatura, logo, tornou-se alvo de críticas e censuras pela religião, fato que vem perdurando por muitos séculos, sendo considerada blasfema por ir de encontro a dogmas fundamentais dos preceitos cristãos. Acusada de corromper não só os homens, mas também de vilipendiar o próprio conceito de Deus, esta insolência impiedosa e incansável torna-se, para os olhos ortodoxos, nada mais do que um novo panorama do mal, uma nova manifestação do demônio. Por outro lado, temos a literatura, que sim, é fruto do artista. Este, ser humano, produz um texto literário que pode ou não ser inspirado por momentos divinos, este é grande característica da literatura livre do viés religioso, ela pode se apropriar e retorcer dogmas e crenças ao seu bel prazer. A meta-ficção, recurso largamente utilizado pela literatura, é capaz de distorcer e perverter conceitos e dogmas precioso a fé cristã, e por isso, sofre críticas tão severas. O artista literário no entanto, critica os aspectos conformistas da religiosidade. De acordo com Gottfried Benn “quem escreve está contra o mundo” (*apud* KUSCHEL, 1999, p16) onde de ante do plano divino, de caminhos traçados, torna-se blasfêmia, pois quem critica o mundo, critica a obra divina, e critica a Deus. O poder de crítica da literatura se estende a praticamente todos os aspectos da sociedade humana, que por sua vez, tange muitos aspectos religiosos. Essa extensão se deve a princípios tais quais a divina providencia e o plano divino, pois se Deus é onipresente, onisciente e onipotente, sua presença se manifesta em vários aspectos da sociedade humana, os quais são largamente criticados pela literatura.

Tal impasse, na visão de Kuschel, acaba por dividir a sociedade ocidental em duas grandes frentes: Arte e Religião. Os seguidores da fé cristã representariam uma das metades, onde encontramos as almas e discursos formatados de acordo com princípios religiosos e divinos, tementes a Deus. Estes são representados pelas instituições que clamam a representação de sua autoridade sobre a Terra. A outra metade desta massa se posicionaria a sapiência do artista e de suas criações, a sede por invadir outros terrenos, por vezes indo de encontro a dogmas e crenças. O artista expressa sua visão do mundo através de sua arte, sendo que esta pode muito bem fugir à cronologia bíblica, a linearidade religiosa, e às divisões categóricas da igreja entre o que é material e pertence ao homem e o que é transcendental e pertence a Deus.

Parte da hostilidade entre religião e arte, parte de um princípio religioso de julgo de valores. É de comum senso que a religião cristã divide a existência terrena em duas grandes pedras fundamentais de valores: o que é passageiro e o que é verdadeiro. De acordo com a fé cristã, todo o ser humano ruma ao além, ao paraíso, um lugar mais gracioso que este, onde se encontra tudo que é bom e verdadeiro. O que é verdadeiro, para a religião cristã, são valores de duração eterna, que transcendem a existência terrena, valores esses alcançados única e exclusivamente através da aceitação de Deus e da palavra de suas entidades na Terra. Grande parte do que há na existência terrena é passageiro, pois não é possível levar labores materiais para o outro mundo, e certos valores intelectuais podem não permitir que uma pessoa desfrute de uma eternidade de amor e harmonia. Neste princípio, podemos então identificar a função da arte, e da literatura. A arte, para a igreja cristã, tem função inteiramente instrumental, é um propósito para um fim específico e limitado, nada além disso; mesmo quando respeita as premissas bíblicas, a função da arte no “mundo passageiro” é a mesma do maná para o povo que atravessou o deserto, revitalizar o bom cristão. A literatura e a arte para a fé cristã são então, passageiras, e se bem aplicadas, meios para um fim.

Seguindo este tipo de raciocínio, a arte torna-se algo altamente relativizado, já que a busca de Deus é a determinação final do homem, sempre. Esse processo acaba, conseqüentemente, atribuindo às obras de Deus – ou pelo menos tidas como sendo dele – um valor incomparável ao trabalho de reles mortais tais como Shakespeare, Schiller ou Goethe, porque sua arte não tem como função proporcionar o encontro do homem com Deus. A fé religiosa, aos poucos, torna-se, de certa forma, o grande carrasco da liberdade intelectual da sociedade. De acordo com R. Schneider citado por KUSCHEL (1999) “Mas é preciso ter claro que a cultura não é um anseio do cristianismo. Seu anseio é a vida eterna de todos” (p.30). A busca cristã pela vida eterna ao lado de Deus, torna então muitos dos aspectos do cotidiano relativos, e de pouco valor, ante a busca do pai eterno. A literatura então, dentre muitas outros aspectos da vida, se torna, como previamente discutido, um instrumento para transcender, e na pior, o caminho para eterna danação. O artista em si pode vir a se condenar, pois o artista pode tornar a arte seu deus, e pela arte tentar transcender a existência terrena, trilhando um caminho diferente daqueles que seguem a Deus e suas instituições. Não bastasse a literatura poder ameaçar a fé mais profunda, inverter a ordem das coisas teoricamente almejadas por Deus, e, por que não, sacudir os pilares aparentemente inabaláveis, mas evidentemente abstratos do paraíso, esta, também, pode sucintamente tomar o lugar de Deus, mesmo para aqueles que uma vez deram voz a literatura cristã.

Tendo isso em vista, a hipótese central deste artigo é referente à crítica que a literatura é capaz de fazer contra os preceitos principais da tradição cristã com relação às dicotomias céu/inferno e, conseqüentemente, deus/diabo. Se, conceitualmente, a igreja defende lutar contra um inferno sangrento e sofrível em busca de uma eternidade libertadora e paradisíaca, assim como

defende lutar contra um diabo “com caracteres burlescos, objetos de uma ridicularização, que mostram a sua inferioridade implícita frente a figuras revestidas de santidade” (NOGUEIRA, 1986, p. 45), a prática cristã aparenta ir no sentido contrário destas premissas. É justamente este falso dualismo que as obras literárias aqui trazidas parecem colocar em xeque, e, neste sentido, reverterem o ideal benéfico que acompanha, somente em tese, toda a constituição do que hoje compõe boa parte da espiritualidade no mundo ocidental.

The Marriage of Heaven and Hell (s.d.), de William Blake, é aqui trazido como ferramenta primordial para desmistificar os axiomas controversos que fundamentam a crença cristã, principalmente no que concerne às definições básicas que dão ao céu e inferno o caráter que acreditamos que eles de fato possuem – apesar da própria igreja aparentemente acreditar em conceitos bastante distintos. Já *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (2008), de José Saramago, foi selecionado não tanto por focar nessa caracterização de céu e inferno como um todo, mas mais por abordar o dualismo Deus/Diabo como nunca este havia sido abordado, sendo os interesses e atos dos mesmos abordados de modo que, para o leitor, fica muito difícil determinar quem é quem; ou melhor, mais difícil ainda é determinar se um dos dois pode ser considerado pior do que o outro. A análise é, portanto, fundada em duas análises que se complementam; a primeira dando ênfase para um posicionamento clerical para o qual sempre foi interessante manter “vívida a ameaça do Inferno ante os olhos da população” (NOGUEIRA, 1986, p. 46), e a segunda por demonstrar que, ao invés de tentar “vencer” a figura do demônio, para a igreja tem sido muito mais lucrativo “sublinhar a todo o momento a quase onipotência de Satã” (NOGUEIRA, 1986, p. 47).

O céu e o Inferno de William Blake

“Assim como um novo céu começa, e é agora, trinta e três anos desde seu advento: o Inferno Eterno revive” (BLAKE, 1988, p. 34)². *The Marriage of Heaven and Hell* é provavelmente uma das obras mais conhecidas de William Blake, na qual ele tece uma forte e sagaz crítica contra os dogmas religiosos presentes na sociedade britânica – de certa forma na sociedade ocidental – do século XVIII. Escrito entre 1790 e 1793, acredita-se que o título seja uma referência ao trabalho teológico do polímata sueco Emanuel Swedenborg, que é largamente citado (objetiva ou subjetivamente) na obra de Blake, *Heaven and Hell* (1758) publicado em latim cerca de 30 anos antes. *The Marriage of Heaven and Hell* vai consideravelmente além da conhecida prosa e poesia de Blake, sendo uma expressão da filosofia que tomava forma por trás do poeta. Sua obra, da mesma forma que *O Anticristo* (1895) de Nietzsche, não é uma crítica ao princípio filosófico que

² Todos os trechos de *The Marriage of Heaven and Hell* citados neste texto são traduções de Ricardo Heffel Farias. Todos os textos aqui citados se encontram em sua versão original no apêndice após este artigo.

embasa a fé cristã, e sim uma severa crítica aos seus valores institucionalizados por um maquinário firmado na história da civilização ocidental sustentado por uma campanha milenar de medo e opressão.

Blake (s.d., p. 38) discute a função da instituição católica versus as “religiões naturais”, sendo estas, ao seu ver, fruto da observação e do processo criativo do homem quando este tenta responder questões metafísicas relacionadas à psique humana. O cristianismo ortodoxo, por outro lado, é visto pelo autor como quem faz uso do processo criativo como um meio para se tirar proveito daqueles de mentalidade “mais simples”; ou seja, de forma a escravizá-los em um sistema de dogmas e crenças que restringem sua capacidade reflexiva, oprimindo ao invés de libertar. Inicialmente criticando de forma generalizada instituições religiosas, o argumento de Blake evolui de forma a criticar em especial o cristianismo como apresentado na Europa durante esta particular época:

Os antigos Poetas animaram todos os objetos sensíveis com Deuses ou Gênios, os chamando por nomes e os adornando com as características de florestas, rios, montanhas, lagos, cidades, nações, e tudo que seus engrandecidos & numerosos sentidos pudessem perceber. E eles estudaram em particular o gênio de cada cidade & país, colocando-os sobre sua divindade mental; Até que um sistema foi formado, do qual alguns tiraram proveito & escravizaram os vulgares através da tentativa de tornar real ou abstrair as divindades mentais de seus objetos: assim começou o Sacerdócio; Escolhendo de contos poéticos à formas de adoração. E ao longo eles pronunciaram que os Deuses haviam ordenado tais coisas. Então os homens esqueceram que toda divindade reside em peito humano³ (BLAKE, s.d., p. 38).

Engrandecendo o animismo que enxerga o sobrenatural em “florestas, rios, montanhas, lagos”, Blake vai em direção contrária ao seu contexto histórico, no qual o cristianismo buscava sufocar tais manifestações. Porém, ao criticar este sistema hegemônico, liderado por representantes divinos que “tiraram proveito & escravizaram os vulgares”, Blake organizou seu livro de forma a apresentar este argumento, o qual será seguido pela voz do Diabo e finalmente ter seus axiomas ilustrados por pequenos contos. *The Marriage of Heaven and Hell* expressa, assim, a hipótese de Blake (s.d., p. 42) de que forças opostas são, e sempre foram, necessárias para evolução do ser humano já que a “oposição é a verdadeira amizade”⁴. De acordo com ele:

Uma vez submisso, e em caminho tortuoso / O justo trilhava o seu curso através / Do vale da Morte. / Rosas são semeadas onde espinhos crescem. / E na charneca estéril / As abelhas cantam. / Então o caminho tortuoso foi semeado: / E um rio, e uma nascente / Sobre cada penhasco e tumba / E sobre os ossos secos / Barro vermelho se formou. / Até o vilão deixou os caminhos fáceis / Para andar nos caminhos tortuosos, e guiar / O justo através de climas árdus. / Agora a furtiva serpente caminha / Humilde. / E o justo se propaga pela natureza / Onde vagam os leões⁵ (BLAKE, s.d., p. 33).

³ Ver apêndice.

⁴ Ver apêndice.

⁵ Ver apêndice.

Defendendo o justo que caminha “sobre ossos secos”, sofrendo com os “climas árdios”, Blake parece manifestar sua oposição à fé cristã da época onde “o caminho tortuoso” seria o caminho não só deste justo, já que “até o vilão deixou os caminhos fáceis” para trás. Para o autor, logo, o ideal cristão de redenção através do sofrimento não era apenas sem sentido, mas ia de encontro à própria essência do que é ser humano. A submissão e sofrimento do homem o remove do caminho da satisfação, suprimindo sua possibilidade de autonomia e, assim, de realização ao lançá-lo em um mundo “onde vagam os leões”. Uma vez submisso à ideia de que Deus controla a existência do indivíduo através de seu “barro vermelho”, tudo na vida do homem torna-se infrutífero, pois no final das contas tudo viria da mão de Deus, que, por sua vez, conhece todas as linhas desta história.

Pode-se inferir a partir das palavras de Blake, de sua ironia direcionada à esse destino supostamente inescapável da raça humana, que, para ele, o indivíduo deve possuir forças opostas atuando em si para que esse possa realmente experimentar sua vida de forma plena. A sabedoria viria, assim, apenas através da prática, e a teoria teria pouco valor se nunca utilizada. Para ele os impulsos que levam o homem a experimentação devem ser saciados e não restritos, pois ao negar seus impulsos o homem nega sua a própria natureza:

Aqueles que restringem o desejo, o fazem apenas porque seu desejo é fraco o suficiente para ser restrito; e o restritor ou razão usurpa o seu lugar & governa o não merecedor. E ser restringido é por graus tornar-se passivo até que seja apenas a sombra do desejo ⁶ (BLAKE, s.d., p. 34).

O desejo seria, assim, o combustível do conhecimento humano, e a experimentação a essência do que nos faz humanos. Tal perspectiva vai de encontro aos dogmas cristãos, pois estes sugerem que o desejo, o instinto, a paixão, ou seja, toda experiência humana material, física, ligada ao mundo real (e não transcendental) ofendem à vontade de Deus. Mas se o castigo divino para aqueles que seguem esses sentimentos é o inferno, para Blake este não representava um lugar de punição:

A voz do Diabo. / Todas as Bíblias e códigos sagrados têm sido as causas dos seguintes Erros. / 1. Que o homem tem dois princípios existências reais Vide: um Corpo e uma Alma. / 2. Que Energia, chamada Mal, é aquém do Corpo, & que Razão, chamada Bem é aquém da Alma. / 3. Que Deus irá atormentar o Homem pela Eternidade por seguir essas Energias. / Mas os seguintes Contrários à essas são Verdades / 1. O Homem não possui Corpo distinto de sua Alma, pois o chamado Corpo é uma porção da Alma discernido pelos cinco Sentidos, as entradas para alma nesta era. / 2. Energia é a única vida e oriunda do Corpo e Razão é a delimitação ou esfera externa da Energia. / 3. Energia é o Deleite Eterno⁷ (BLAKE, s.d., p. 34).

Claramente nota-se que, para Blake, o material era apenas uma expansão do espiritual; as energias levam à realização, e este seria o Deleite eterno, não através de uma vida de submissão e sofrimento, mas sim de experimentação e felicidades. O inferno seria, assim, fonte de energias

caóticas e abstratas que motiva o ser humano a evoluir e a melhorar; enquanto que o céu seria um lugar de regras e organização; a origem não se dá no Éden, mas nas profundezas do inferno, afinal “o Messias caiu, e então formou o Céu, com o que havia roubado do Abismo”⁸ (BLAKE, s.d., p. 35). O primeiro dos pequenos contos de Blake presentes no volume concerne à uma coleção de pequenos ditados infernais. Ele escreve sobre caminhar pelos fossos do inferno, deslumbrando-se com os trabalhos de um Gênio; o inferno, tradicionalmente análogo ao caos e ao tormento, é recaracterizado.

Nestes contos, o autor argumenta que “melhor assassinar um infante em seu berço que remediar seus desejos não realizados”⁹ (BLAKE, s.d., p. 38). Posteriormente, novamente ele destaca a prática e a experimentação como fonte do verdadeiro conhecimento: “A estrada dos excessos leva aos palácios da sabedoria [...]. Prudência é uma senhorita rica e feia, cortejada pela Incapacidade [...]. Os tigres da fúria são mais sábios que os cavalos da instrução”¹⁰ (BLAKE, s.d., pp. 35-37). E ainda ataca as muitas faces da religiosidade:

Prisões são feitas com as pedras da Lei, Bordéis são feitos com tijolos da Religião [...] / O orgulho do pavão é a glória de Deus. / A fome da cabra é a recompensa de Deus. / A fúria do Leão é a Sabedoria de Deus. / A nudeza da mulher é o trabalho de Deus. / O arado obedece a palavras, tanto quanto Deus recompensa preces. / Oradores não aram! Preces não colhem! / Assim como a lagarta escolhe as melhores folhas para por seus ovos, o padre amaldiçoa as melhores alegrias.¹¹ (BLAKE, s.d., p. 36-37)

Enquanto *The Marriage of Heaven and Hell* é um dos muitos manifestos de Blake contra o aprisionamento do espírito humano, contra os padres que “amaldiçoam as melhores alegrias”, a igreja cristã tem como seu livro central a Bíblia, uma compilação de textos judaicos (o velho testamento) e de evangelhos (textos cristãos que relatam a passagem de Jesus pela Terra). É nesta Bíblia que Blake enxerga a fonte de várias imprecisões, como discutido previamente, mas também, curiosamente, de sabedoria. Através de vozes angelicais e demoníacas Blake o poeta reconstrói a figura centro do Novo Testamento, Jesus, e assim como Nietzsche viria a fazer séculos depois, ele questiona o retrato de cristo criado através de interpretações disseminadas pela fé católica. Ilustradas por um diálogo entre um demônio e um anjo, Blake dispõe de duas visões diferentes de Cristo. A visão do anjo – que representaria a interpretação católica de Jesus – e a do demônio – que seria a sua própria. Este demônio argumenta que honrar a Deus é respeitar as porções variadas de Deus existentes em cada homem e, também amar o Messias, sobre todas as coisas, pois ele é o Deus único. O anjo, logo, acusa o demônio de idólatra e argumenta que Jesus Cristo veio a Terra apenas

⁸ Ver apêndice

⁹ Ver apêndice

¹⁰ Ver apêndice

para sancionar os dez mandamentos, sendo que aqueles que não os seguem à risca são tolos e pecadores: passíveis de punição. O demônio então replica:

[...] [S]e Jesus cristo é o maior dos homens, deves amar a ele no maior dos graus; agora escuta como ele deu sua sanção a lei dos dez mandamentos: não teria ele debochado do Sabah, e, portanto debochado do Deus do Sabah? Assassinou aqueles que foram assassinados por sua causa? Afastou a lei da mulher pega em adultério? Roubou o trabalho de outros que o apoiavam? Apresentou falso testemunho quando omitiu a defesa ante Pilatos? Cobiçou quando rezou por seus discípulos, e quando ele sugeriu que limpassem o pó de seus pés ante aqueles que se recusassem a hospeda-los? Eu o digo, nenhuma virtude pode existir sem que se quebrem esses dez mandamentos. Jesus era todo virtude, e agiu por impulso, e não por regras¹² (BLAKE, s.d., p. 43).

Este fragmento se trata de um claro manifesto de Blake ante a institucionalização da fé cristã e a construção de uma imagem concebida com a intenção única de manipular e oprimir os “vulgares”; ou seja, contra um sistema de opressão e controle. Através de sua arte, poética, narrativa e litográfica, Blake ataca e critica severamente as instituições de controle que ao longo de séculos contaminaram o pensamento humano e se alojaram no centro de nossas sociedades. Seus manifestos trazem variadas formas de arte para contrapor valores implantados e mecanismos de aceitação que vem “adormecendo” o pensamento crítico sobre dogmas absurdos que ainda hoje sobrevivem. Blake oferece através de seu trabalho uma alternativa à versão institucionalizada de temas filosóficos e religiosos, já que ele curiosamente destacava a importância da religiosidade na vida do indivíduo e, portanto, da sociedade. Entretanto para ele era claro o fato de que alguns sistemas de crenças (como o “nosso”) são responsáveis por uma grande parte do sofrimento humano, e através de sua arte ele tenta resgatar a alegria e o espírito questionador inerente a cada ser humano.

O Deus e o Diabo de José Saramago

É difícil se pensar, principalmente no que concerne ao Cristianismo, no Bem sem que se pense no Mal, pois, de certa forma, um não passa de um reflexo do outro. Logo, assim como num espelho, onde há uma imagem original há o seu reflexo, e aquilo que é “representado” permanecerá enquanto aquilo que é “vivido” permanecer. Segundo Carlos Nogueira (1986, p. 43) “[o] homem é personagem de um drama que tem sua origem na trágica entre o representado e o vivido, não podendo pensar no Bem sem antes pensar no Mal.” Dessa dialógica entre bem e mal Saramago parece tirar bastante proveito ao escrever *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (2008), no qual a participação de Deus e do Diabo não busca destacar o quão opostos são bem e mal dentro da tradição cristã, enfatizando, pelo contrário, a sua interdependência.

¹² Ver apêndice.

Neste romance Saramago narra a história da vida de Jesus humanizando-o, retirando deste os aspectos que o aproximaria de Deus e enfatizando aqueles que o aproximaria dos homens. Em função principalmente disso, dentre muitas outras coisas presentes na obra, o autor foi excomungado pela Igreja Católica e (dada a força do Catolicismo em Portugal) após diversos conflitos com ela e com outros órgãos nacionais acabou por deixar o país, no que ele mesmo chamava de “exílio voluntário”, para viver nas ilhas Canárias da espanhola Lanzarote, onde continuou permitindo que sua criação literária estivesse atrelada a figuras bíblicas. De acordo com Northrop Frye (2004, p. 14) não se deve tentar evitar que uma abordagem da Bíblia de um ponto de vista literário seja colocada em prática já que “nenhum livro poderia ter uma influência literária tão pertinaz sem possuir, ele próprio, características de obra literária”.

Entretanto, e ainda segundo Frye (2004, p. 14), ainda que a Bíblia seja utilizada como fonte para devaneios literários é preciso se ter em mente que ela “é obviamente mais do que uma obra literária.” De um ponto de vista ideológico, ou mesmo estético, isso não quer dizer de forma alguma que a Bíblia é um livro “superior” se comparada a outros; O que Frye (2004, p. 16) sugere é que, contextualizando a experiência da vida humana no mundo, existe todo um imaginário bíblico que nos condiciona, estando a tradição Cristã emplacada, impregnada no nosso imaginário de modo que, ao manipular figuras como Jesus, Deus e o Diabo, Saramago não só conta uma história inócua, mas é também capaz de “descondicionar” profundamente a mente de seu leitor: “O homem [...] não está nu nem imerso na natureza. Ele está dentro de um universo mitológico, um corpo de pressupostos e crenças desenvolvidos a partir de suas inquietações existenciais.” Historicamente isso parece ser uma das coisas que mais preocupa a Igreja: que, ao modular personagens como Deus e o Diabo e propor que se repense em Bem e Mal, Inferno e Paraíso, um escritor como Saramago acabe por ensinar a civilização a pensar por si só, questionando o seu imaginário previamente saturado por ideias Cristãs.

É num diálogo de 40 dias no barco de pesca de Jesus, entre este e Deus, no qual o Diabo tece alguns poucos comentários, que mora a grande crítica de Saramago ao cristianismo no que concerne a parceria do bem e do mal, o seu equilíbrio, como fundamental para se conquistar, tanto através do medo quanto através da adoração, um maior número de fiéis. O desejo por viver no paraíso e encontrar a Deus não seria tão onisciente se o medo de acabar no inferno e de encontrar o Diabo também não o fosse. A conversa inicia quando Jesus para de remar ao notar que “[s]entado no banco da popa, está Deus” (SARAMAGO, 2008, p. 304). Porém, ainda mais interessante é o momento no qual o Diabo também aparece para participar da conversa:

A barca oscilou com o impulso, a cabeça ascendeu da água, o tronco veio atrás escorrendo qual catarata, as pernas depois, era o leviatã surgindo das últimas profundidades, [...] se ia instalando na borda do barco, exactamente a meia distância entre Jesus e Deus, porém, caso

singular, a embarcação desta vez não se inclinou para o seu lado [...] (SARAMAGO, 2008, p. 307).

Se instalando “a meia distância entre Jesus e Deus”, o Diabo também entra no barco e, diferente do que acontece quando Deus o faz, “a embarcação desta vez não se inclinou para o seu lado”. Ou seja, se o barco se inclina com a entrada de Deus, com o Diabo a bordo ele permanece perfeitamente equilibrado, metáfora que demonstra o quanto a fé cristã depende não só do amor por Deus, mas também, e talvez principalmente, do seu medo perene do Diabo. Além disso a existência “física” de um não só acarreta na existência do outro, mas de certa forma dela depende. Na análise do romance que faz a professora Salma Ferraz (2010, p. 9) esta nota que “o Diabo, ao entrar na barca, ocupará uma posição estratégica entre Deus e Jesus [...]. É como se uma nova trindade começasse a se delinear, talvez uma trindade dupla ou uma unidade dupla.”

Uma “unidade dupla”, de fato. Quando Deus apresenta o Diabo à Jesus este se surpreende: “Jesus olhou para um, olhou para outro, e viu que, tirando as barbas de Deus, eram como gêmeos, [...]” (SARAMAGO, 2008, p. 307). Mas, o que mais parece incomodar a Jesus vai muito além da aparência deles, já que este esperava ver, com os dois no barco, um debate conflituoso, algo contrário ao diálogo pacífico que de fato se estabelece. Sendo assim, e com o intuito de desmascarar a idéia de que Deus e Diabo são inimigos, que ambos se desprezam, Jesus os ameaça: “levo-os até à borda para que todos possam, finalmente, ver Deus e o Diabo em figura própria, o bem que se entendem, o parecidos que são” (SARAMAGO, 2008, p. 311).

É claro que o “poder” de Deus impede que Jesus tenha sucesso neste seu plano (o romance os únicos planos que funcionam são os de Deus, assim como no imaginário Cristão), mas talvez se ele conseguisse levar os dois até a borda para que todos os fiéis vissem o quanto se complementam tal esforço seria extremamente válido para a contemporaneidade, pois depois deste encontro a Igreja continuou se fortalecendo, não se sabe se porque a cada dia Deus é mais adorado ou o Diabo mais temido, talvez a segunda hipótese esteja mais perto da verdade. Além disso, apesar do Deus de Saramago aparentemente perceber o quanto, como efeito colateral do seu próprio poder sob a humanidade (e vice-versa), o Diabo se tornaria poderoso com uma expansão do Cristianismo, este não parece estar nem um pouco preocupado.

Jesus se espanta ao perceber que esta criação e desenvolvimento dicotômico do Cristianismo não passa de um plano estratégico elaborado por Deus, respeitando os espaços que lhe cabem e que cabem ao Diabo para que um mundo completamente tomado pela Igreja (no caso o que seria o nosso hoje) pudesse de fato ser alcançado:

Percebo agora por que está aqui o Diabo, se a tua autoridade vier a alargar-se a mais gente e a mais países, também o poder dele sobre os homens se alargará, pois os teus limites são os limites dele, nem um passo mais, nem um passo menos, Tens toda a razão, meu filho, alegro-me com a tua perspicácia [...] (SARAMAGO, 2008, p. 310).

Carlos Nogueira (1986, p.47) argumenta que esta proximidade que se vê entre Deus e Diabo não extrapola nenhum limite religioso, já que, para o Cristianismo, os demônios deixaram de ser simplesmente inimigos externos e passaram a representar anseios internos não correspondentes a fé cristã, mas que aflora em cada indivíduo. É como se o Deus cristão, mesmo após “vencer” o paganismo, passasse a depender da presença do Diabo em um segundo plano não mais como aquele que traz perigos que não fazem parte do cotidiano do Cristão, mas sim como aquele que compartilha dos mesmos desejos, anseios e ambições que qualquer outra “pessoa”.

Justamente, e como esta mudança de materialidade física aparenta impactar mais o imaginário cristão, o Diabo deixa de ser uma besta, uma criatura assustadora, e passa a se identificar cada vez mais com o homem comum. Com essa alteração na forma com a qual o Diabo é construído e reconstruído de maneira a condizer com esse novo momento histórico brinca Saramago quando Jesus assiste à chegada dele:

Surgiu por estibordo, inesperadamente, quando se diria que ia chegar do outro lado, uma mancha escura mal definida em que, no primeiro instante, a imaginação de Jesus julgou ver um porco com as orelhas esticadas fora da água, mas que, após umas quantas braçadas mais, se viu ser um homem [...]. (SARAMAGO, 2008, p. 306)

É como se Jesus observasse numa fração de segundos [apesar de ser muito difícil de se pensar em tempo na barca, já que nesta conversa com Deus e o Diabo é como se o tempo parasse ou deixasse de existir, como bem observado por Jesus: “Há quanto tempo estamos nós aqui no meio do mar, cercados de nevoeiro, perguntou Jesus, um dia, um mês, um ano [...]” (SARAMAGO, 2008, p. 315) todo esse processo já comentado em que, gradualmente, a animalização do Diabo se transforma em sua personificação. Ainda de acordo com Carlos Nogueira (1986, p. 69) “Satã é frequentemente negro ou escuro, como convinha ao Príncipe das Trevas” e isso o leitor evidencia na primeira observação de Jesus ao notar sua chegada, quando este repara no surgimento de “uma mancha escura mal definida” emergindo na superfície do mar.

Além disso, quando Jesus deixa de ver apenas a mancha escura este não passa a ver a imagem de um homem sem antes disso julgar “ver um porco com as orelhas esticadas fora da água”. Essa imagem bestial do demônio foi muito empregada na tradição Cristã devido ao que Carlos Nogueira (1986, p. 63) chama de uma “Pedagogia do Medo”: “devido aos esforços pedagógicos dos representantes da fé, [o Diabo] passa a aparecer com uma frequência cada vez maior como um monstro repugnante, cuja deformidade evidencia a sua corrupção espiritual.” Entretanto, quando este finalmente chega ao barco todas essas imagens iniciais são quebradas, pois aquela “mancha escura” ou “porco com as orelhas esticadas”, no final das contas, “se viu ser um homem”. Salma Ferraz observa que, no romance de Saramago

[N]ão estamos mais diante de um monstro repugnante, deformado, com chifres e cabeças, pernas e garras de uma ave de rapina, com uma segunda face no abdômen ou no traseiro, tal

como nas iconografias e quadros medievais, mas diante da imagem de um Diabo luciferino que é descrito como semelhante a Deus. (2010, p. 9)

Mais do que isso, muitas vezes o Diabo é descrito por Jesus como relativamente mais “humano” do que Deus, já que este está mais próximo dos homens, da carne, enquanto Deus representa uma superioridade transcendental que dificilmente (para não dizer nunca) poderia ser alcançada pelo homem comum.

O Diabo de Saramago não solta fogo pela boca ou espeta todos ao seu redor enquanto faz macaquices e dá gargalhadas, e, se Deus é caracterizado como alguém com um descaso ininterrupto pela raça humana e que, em sua sede por conquistas através das batalhas “santas” se irrita com facilidade, o seu “adversário” parece bastante pacífico e sereno, chegando no barco onde Deus e Jesus discutem através de “braçadas harmoniosas [...]” (SARAMAGO, 2008, p. 306). Além disso, comparado com Deus, Jesus repara que o Diabo “parecia mais novo, menos enrugado [...]” (SARAMAGO, 2008, p. 307). Sendo assim, esse Diabo que nos traz Saramago não é só um homem como assim o é Jesus e Deus, ele é também um homem melhor e mais sábio do que ambos no romance de Saramago.

Dos personagens bíblicos que o romancista resgata, o Diabo parece ser aquele que mais se beneficia de seu apreço; na opinião de Salma Ferraz (2010, p. 4) é essencial que se olhe com cuidado para essa “reapropriação que Saramago faz de Lúcifer [...], e a forma como o redime”. Ao redimir a figura do Diabo e ridicularizar a de Deus, Saramago parece destacar o quanto seria injusto colocar naquele que não inventou o pecado, não inventou o inferno, não inventou o sofrimento e que tampouco inventou a si mesmo, a culpa por toda maldade do mundo. E, ao tirar esta culpa do Diabo e colocá-la no próprio Deus, Saramago está na realidade acusando a Igreja (sendo ateu seria no mínimo ambíguo que o foco de sua crítica fosse de fato Deus) de tratar como inimigo aquele que, desde o início do Cristianismo, vem servindo ao propósito da religião mais como “funcionário” do que como inimigo, no final das contas foi o Cristianismo quem inventou o Diabo, como bem pontuado por Ferraz:

Os chamados espíritos maus, na civilização judaica, grega e romana são entes vagos, múltiplos, contraditórios. Foi a Igreja Católica quem consagrou o ente do mal, tenebroso, inimigo de Cristo, da Igreja [...], metido sempre em luta cósmica contra o Filho de Deus e a tentar eternamente o homem. (2010, p. 2)

Se o Diabo fosse, de fato, um inimigo de Deus e da Igreja, essa já o teria vencido há muito tempo, dado o domínio Cristão no mundo contemporâneo; A guerra protagonizada pela Igreja Católica já deveria ter terminado, mas trata-se esta de um conjunto de batalhas contra o demônio que aparenta não ter fim. É interessante notar que, ainda que o Diabo seja sempre considerado inferior, abaixo de Deus, a sociedade sente muito mais medo dele do que se sente defendida por aquele que se diz protetor incondicional de todos. Interessante, mas não fora do esperado, já que o

medo e receio de ir para o inferno foram sempre explorados pelo Cristianismo para manter os seus fiéis amarrados na cadeira da igreja dia após dia através não dá fé, mas do medo:

Satã e suas legiões, por mais poderosos que fossem, estavam submissos à autoridade do Deus todo-poderoso. Afirmação que deveria estar perfeitamente evidente, ao menos para o clero, e, no entanto, é precisamente esse clero que sublinha a todo o momento a quase onipotência de Satã. As pregações eclesiais tendem a destacar cada vez mais o Mal e as suas consequências, a bem-aventurança cedendo lugar progressivamente à danação. (NOGUEIRA, 1986, p. 47)

Logo, estando clara a dialogia entre céu e inferno, bem e mal, Deus e Diabo, parece não haver dúvidas que Deus e o Diabo não são apenas complementares, mas praticamente representantes de uma unidade interdependente. É como se um fosse aquilo que o outro também é, mas não pode ser. É preciso que Deus represente o Bem e que o Diabo represente o mal, que um faça aquilo que o outro não tem coragem ou capacidade de fazer, “confirmando nossa desconfiança de que os dois são faces diferentes da mesma moeda” (FERRAZ, 2010, p. 9). No *Evangelho Segundo Jesus Cristo* (SARAMAGO, 2008, p. 328-329), quando o Diabo se desculpa e pede um basta para que a humanidade não mais precise sofrer na terra simplesmente por conta do embate entre os dois, Deus se recusa a aceitá-lo de volta no reino dos céus: “Não te aceito, não te perdoo, quero-te como és, e, se possível, ainda pior do que és agora”.

Deus não o rejeita por medo nem por vingança, argumentando que o Bem que ele representa não existiria sem o Mal que representa o Diabo, “um Bem que tivesse de existir sem ti seria inconcebível, a um tal ponto que nem eu posso imaginá-lo”. Mas na realidade o que Deus mais teme ultrapassa os limites do puro egocentrismo, apesar de extremamente racional: “Se tu acabas, eu acabo, para que eu seja o Bem, é necessário que tu continues a ser o Mal, se o Diabo não vive como Diabo, Deus não vive como Deus, a morte de um seria a morte do outro [...]” Carlos Nogueira (1986, p. 46) está certo quando diz que, para que o Cristianismo possa prosperar, este precisa manter “vívida a ameaça do Inferno ante os olhos da população.” Deus não só depende como também lucra com essa ameaça, por isso preferiria que o diabo não só continuasse sendo ruim, mas, “se possível, ainda pior”.

Parece ser esta a mensagem principal da conversa no barco entre Deus, Jesus e Diabo. Nenhum dos dois quer se destruir, pois apenas coexistindo podem ambos existir. O Diabo até que tenta fazer as pazes com Deus, e, sendo assim, evitar todas as batalhas sangrentas pela qual passaria a humanidade posteriormente, mas a ambição do criador o impede de abandonar seu plano expansionista, praticamente colonizador, de conquistar o planeta (ainda “não-Cristão” naquele momento). Ferraz (2010, p. 21) de fato conclui, e conclui muito bem, sua análise da obra Saramaguiana afirmando que “o que o Deus de Saramago confirma é que o mal é essencial para a existência e fundamentação do cristianismo.”

É possível, portanto, inferir que Deus e Diabo são como “duas faces de uma divindade só, inseparáveis até o final de toda a existência” (FERRAZ, 2010, p. 20). Esta seria uma visão da crença Cristã maquiavelicamente embasada em uma planilha puramente matemática; o Diabo não existe para tentar os filhos de Deus, ele existe por uma questão de lógica, cumprindo uma função política que traz grandes benefícios para que o cristianismo se afirme e fortaleça.

A humanidade sofre de um condicionamento primeiramente social, mas logo psicológico, onde, com Deus bloqueando uma margem e o Diabo a outra, acabamos enclausurados num rio de limitações filosóficas e ideológicas por uma religião que soube se aproveitar das ânsias e medos humanos para acorrentar a humanidade em correntes feitas de uma falsa moral Cristã. Saramago morreu antes de ver a sociedade perceber que o Cristianismo não se caracteriza por libertar, mas sim por adstringir, o pensamento humano. Com ceticismo e olhar crítico:

[O] que podemos reconhecer deste corpo de inquietações vem de um condicionamento social e de um legado cultural. Sob este legado deve haver outro, de raiz psicológica; de outro modo seriam ininteligíveis para nós formas de cultura e de imaginação que viessem de fora da nossa própria. Mas duvido que possamos ter acesso diretamente a este legado, esquivando-nos das qualidades distintivas de nossa própria cultura. Entre as funções práticas da crítica, que defino como organizar conscientemente uma tradição cultural, está a de fazer-nos mais conscientes, penso, de nosso próprio condicionamento mitológico. (FRYE, 2004, p. 16-17)

Nada confronta a mitologia cristã sem topicalizar seus traços incoerentes, ilusórios, repressivos e regressivos. A religião é introduzida ou expurgada da vida dos artistas de acordo com suas próprias experiências pessoais, sendo a arte capaz de abrigar os cristãos mais ruidosos assim como, e talvez principalmente, os ateus mais petulantes. Ou seja, para alguns a religião vem servir de conforto e é abraçada com todo fulgor do coração humano; para outros, como Saramago, Deus é um mal que deve ser rechaçado a todo custo, pois este nos leva a anulação, ignorância, negação, perda de autonomia, antropocentrismo, egoísmo, e sede insaciável pelo poder. Os deuses naturais de Blake teriam, assim, sido confundidos, reduzidos a um princípio legislável, calculável, teriam sido rebaixados ao nível de um moralismo piedoso e de uma consolação apressada de almas oprimidas e escravizadas pela sua própria espiritualidade. Por fim a crença em um princípio aparentemente débil e incoerente, não passaria de “ópio para a massa”.

A complexidade do mundo moderno reflete-se nos seus escritores; a literatura vem construindo uma forte oposição a valores implantados no corpo cultural da sociedade ocidental. Autores como Blake e Saramago levantam suas vozes em prol de uma visão particular e contrária a ortodoxia que contextualiza a realidade na qual tais vozes são escutadas, falando sobre assuntos perigosamente banalizados e que acabam por reger importantes aspectos da sociedade. Através de sua arte e da liberdade que ela os fornece, os autores abrem janelas para importantes conteúdos de cunho filosófico, onde mais importante do que achar uma resposta seria fazer as perguntas corretas. Os questionamentos levantados pela literatura produzida por Blake e Saramago, dessa forma,

criticam e fomentam o questionamento religioso. Sendo assim, foram então aqui revisitados e analisados. Tais obras se provaram fundamentais tendo em vista que põem em xeque dogmas tradicionais que até hoje são capazes de pulsar, e oferecem visões alternativas de leituras feitas e defendidas por grupos que, por uso de artifícios pouco altruístas, as impuseram sobre uma sociedade que não possuía as ferramentas para contesta-las. Hoje nos sobram ferramentas, entretanto nos falta contestação.

O discurso sobre Deus na literatura moderna expressa, também, uma crise espiritual na consciência moderna. A crítica religiosa não se vê em condições de aniquilar totalmente a “fé” nestes textos já que os mesmos autores destes amálgamas literários foram aqueles que desmascararam o âmbito ilusório da religião; ou seja, eles merecem o crédito de seus leitores. A religião tem uma dimensão subjetiva tanto quanto objetiva, uma realidade social e uma realidade individual, fundamentando-se, entretanto, muito mais na vontade dos homens do que, de fato, na vontade de Deus. A dimensão objetiva não sobrevive sem documentos fundamentais, não podendo se ignorar os testemunhos autênticos, ou não, registrados nestas fontes; logo, a ficção de Blake e a de Saramago não são, por definição, mais ou menos “realistas” do que relatos bíblicos. No final das contas, tendo em vista os esforços de autores como eles para nos fazem pensar, refletir, transformar, transcender, e revolucionar – enquanto instituições como a igreja tenta nos convencer a fazer nada disso – o que fica é a pergunta: para nos sentirmos “menos vazios”, será que vale a pena abrir mão da nossa sapiência?

Referências

DELUMEAU, J. *A História do Medo no Ocidente*. Trad. Maria Lucia Machado & Eloísa Jahn. São Paulo: Editora Schwarcz LTDA, 2009.

ERDMAN, D. V. (ed.). *The Complete Poetry and Prose of William Blake*. New York: Random House, 1988.

FERRAZ, S. *O diabo perde Perdão: A redenção do Diabo por Saramago*. Labirintos (UEFS), v. 4, p. 60-83, 2010.

FRYE, N. *O Código dos Códigos: A Bíblia e a literatura*. Boitempo Editorial: 2004.

KUSCHEL, K. J. *Os Escritores E as Escrituras*. Trad. Paulo Astor Soethe, Maurício Cardoso, Elvira Horstmeyer e Ana Lucia Welters. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

NIETZSCHE, F. *O Anticristo: Ensaio de uma Crítica do Cristianismo*. L&PM: 2008.

NOGUEIRA, C. R. F. *Deus e o Diabo: A Pedagogia do Medo*. São Paulo: 1986.

SARAMAGO, J. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Cia. De Bolso: 2008.

SWEDENBORG, E. Heaven and its wonders and Hell from things heard and seen. *Swedenborg Foundation*, December 1, 2001. Trad. George F. Dole.

Apêndice

1

As a new heaven is begun, and it is now thirty-three years since its advent: the Eternal Hell revives

2

The ancient Poets animated all sensible objects with Gods or Geniuses, calling them by the names and adorning them with the properties of woods, rivers, mountains, lakes, cities, nations, and whatever their enlarged & numerous senses could perceive. And particularly they studied the genius of each city & country, placing it under its mental deity; Till a system was formed, which some took advantage of & enslav'd the vulgar by attempting to realize or abstract the mental deities from their objects: thus began Priesthood; Choosing forms of worship from poetic tales. And at length they pronounc'd that the Gods had order'd such things. Thus men forgot that All deities reside in the human breast.

3

Opposition is true Friendship.

4

Once meek, and in a perilous path, / The just man kept his course along / The vale of death. / Roses are planted where thorns grow. / And on the barren heath / Sing the honey bees. / Then the perilous path was planted: / And a river, and a spring / On every cliff and tomb; / And on the bleached bones / Red clay brought forth. / Till the villain left the paths of ease, / To walk in perilous paths, and drive / The just man into barren climes. / Now the sneaking serpent walks / In mild humility. / And the just man rages in the wilds / Where lions roam.

5

Those who restrain desire, do so because theirs is weak enough to be restrained; and the restrainer or reason usurps its place & governs the unwilling. And being restrain'd it by degrees becomes passive till it is only the shadow of desire.

6

The voice of the Devil. / All Bibles or sacred codes have been the causes of the following Errors. / 1. That Man has two real existing principles Viz: a Body & a Soul. / 2. That Energy, call'd Evil, is alone from the Body, & that Reason, call'd Good, is alone from the Soul. / 3. That God will torment Man in Eternity for following his Energies. / But the following Contraries to these are True / 1. Man has no Body distinct from his Soul for that call'd Body is a portion of Soul discern'd by the five Senses, the chief inlets of Soul in this age / 2. Energy is the only life and is from the Body and Reason is the bound or outward circumference of Energy. / 3 Energy is Eternal Delight

7

the Messiah fell, & formed a heaven of what he stole from the Abyss.

8

Sooner murder an infant in its cradle than nurse unacted desires.

9

The road of excess leads to the palace of wisdom [...]. Prudence is a rich ugly old maid courted by Incapacity [...]. The tygers of wrath are wiser than the horses of instruction.

10

Prisons are built with stones of Law, Brothels with bricks of Religion.

11

The pride of the peacock is the glory of God. / The lust of the goat is the bounty of God. / The wrath of the lion is the wisdom of God. / The nakedness of woman is the work of God.

12

As the plow follows words, so God rewards prayers.

13

Prayers plow not! Praises reap not!

14

As the caterpillar chooses the fairest leaves to lay her eggs, so the priest lays his curse on the fairest joys.

15

[...] [I]f Jesus Christ is the greatest man, you ought to love him in the greatest degree; now hear how he has given his sanction to the law of ten commandments: did he not mock at the sabbath, and so mock the sabbaths God? murder those who were murder'd because of him? turn away the law from the woman taken in adultery? steal the labor of others to support him? bear false witness when he omitted making a defence before Pilate? covet when he pray'd for his disciples, and when he bid them shake off the dust of their feet against such as refused to lodge them? I tell you, no virtue can exist without breaking these ten commandments. Jesus was all virtue, and acted from impulse, not from rules.'